Notas breves sobre geopolítica e algumas questões geográficas do tempo presente – uma perspetiva a partir de Madrid

João Luís J. Fernandes *[1]

[1] *Departamento de Geografia e Turismo/FLUC/CEIS20*

Para compreender a globalidade do tempo presente, será importante unir os fragmentos, procurar a coerência dentro do que parece desconexo e relacionar o que aparenta estar distante. Numa palestra proferida no Doutoramento em Estudos Contemporâneos (CEIS20/UC), Alexandre Franco de Sá (2024) referenciou que, após a queda do Muro de Berlim em 1989 e a posterior desintegração da União Soviética, se entrou num período de consenso ideológico, que apenas se quebraria em 2016, com o Brexit e a primeira eleição de Donald Trump como Presidente dos Estados Unidos da América.

Ainda que a definição esquemática de marcos temporais rígidos configure um exercício incompleto e relativo, apesar também do tempo histórico e geográfico não ser uma realidade linear, a demarcação cronológica sugerida pelo filósofo político deixa-nos um ponto de partida e uma oportuna base de reflexão.

Afinal, na nossa perspetiva geográfica, o que significou e qual o alcance dessa convergência monocultural referida por Franco de Sá? E como se revelou essa posterior quebra de unanimidade? Que significados terão estes momentos e estas dinâmicas na perspetiva da Geografia e de outras áreas afins?

A) O consenso que tem como ponto de referência o ano de 1989 trouxe-nos a expetativa utópica de um "admirável mundo novo", com promessas e paraísos à espreita. Fukuyama (1992) garantia-nos o "Fim da História" e a afirmação definitiva de um sistema liberal de sociedades livres e abertas. Nesta linha, impunha-se um mundo integrado e sem fronteiras, de livre circulação de pessoas, mercadorias, capitais e ideias. Com a adesão da China à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, este foi um período de confiança, com a estruturação de um mercado mundial e de uma sociedade de consumo global, a ascensão definitiva das classes médias e a redução progressiva da pobreza relativa e absoluta. Pelo milagre do "franchising" e da transnacionalidade das marcas e das empresas, ninguém ficaria de fora no acesso aos parques temáticos da Disney, ao McDonald's ou à Coca Cola. Esta foi a era da crença nos efeitos positivos e multiplicadores dos grandes eventos internacionais em áreas como o desporto ou a cultura, este foi também o período otimista das grandes metrópoles mundiais. Tudo assentava numa visão expansionista das (hiper) mobilidades espaciais e da difusão geográfica e social de dinâmicas como o turismo que, porque reproduz e fixa capitais e promove uma distribuição universal da felicidade, deve ser para todos e estar presente em todo o lado. Esta é a fase da crença na velocidade e na instantaneidade, nas tecnologias digitais e nos efeitos positivos das redes e das conetividades. Porque tudo parecia convergir no mesmo sentido, acreditava-se numa identidade cosmopolita e topoligâmica – somos de muitos lugares ao mesmo tempo e, às nossas pertenças e filiações de origem, vamos acrescentando outras que, numa síntese sempre em construção e inacabada, faz de nós sujeitos multiterritoriais e cidadãos do mundo (Haesbaert, 2004). Nesta onda de otimismo, ao mesmo tempo que O'Brien (1992) declarava o "Fim da Geografia" e Friedman (2005) nos mostrava que o espaço era uma superfície plana na qual tudo circula, sem forças de atrito, sem dificuldades nem rugosidades, anunciaram-se as virtudes do multilaterialismo, da multiculturalidade, de uma cultura-mundo e de um tecnocapitalismo universal (Lipovetsky & Serroy, 2010). No fundo, admitia-se a insignificância

Cadernos de Geografia

doi: https://dx.doi.org/10.14195/0871-1623_50_13

*Email: jfernandes@fl.uc.pt

do lugar – neste novo paradigma, pouco importa onde nascemos, estudamos, vivemos e até morremos, toda esta Geografia torna-se irrelevante perante os horizontes que se abriam com o acesso das populações à internet e ao esplendor de um cibermundo omnipresente.

Tendo em consideração todas as portas que se alargavam, que significado se pode dar ao ano de 2016? Que efeitos disruptivos poderão estar implícitos em acontecimentos políticos como o resultado ao referendo sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia, no dia 26 de junho, ou a posterior eleição de Donald Trump para a Casa Branca, a 8 de novembro desse mesmo ano?

B) A saída do Reino Unido do projeto comum da União Europeia e a eleição presidencial nos EUA, ao que se pode acrescentar o mundo desigual e fraturado posto a descoberto pela pandemia de 2020, devem ser entendidas como sinais. Afinal, talvez porque não se tenha considerado nem a extensão, nem a heterogeneidade e a complexidade de um mundo plural que não se pode reduzir a uma monocultura unificadora, o consenso anterior seria uma aparência e as certezas do passado recente vão sendo contestadas. Desde logo, celebrou-se a queda do Muro de Berlim no dia 9 de novembro de 1989, mas persistiram e multiplicaram-se outras barreiras separadoras, algumas que já vinham do passado e continuaram, outras que foram, entretanto, produzidas e levantadas (Haesbaert, 2014; Jones, 2012; Samson, 2024). Mesmo na Alemanha, depois de derrubada a muralha entre a antiga RFA e a ex-RDA, os indicadores demonstram que o novo Estado unificado não debelou as distâncias e as diferenças socioeconómicas e políticas entre o Leste e o Oeste. Por outro lado, pelo menos na Europa, o milagre do turismo foi dando sinais de esgotamento e rejeição em muitas comunidades locais. As fronteiras desaparecidas, afinal, ainda existem e criam novos obstáculos às mobilidades espaciais. Porque se discute e receia o terrorismo, o narcotráfico e outros fluxos clandestinos, ilegais e criminosos, as tão propaladas redes têm uma outra face, são receadas e sentidas como uma ameaça que pode trazer a insegurança até à porta de casa. Com a crise das classes médias em muitas regiões do mundo, em particular na Europa, recuperam-se argumentos populistas contra a imigração, a multiculturalidade e o multiculturalismo, ao mesmo tempo que se ergue a bandeira das "alterações climáticas" enquanto alerta para os efeitos nocivos da circulação desregulada e do expansionismo ilimitado do sistema. Neste desencanto de medos e desconfianças que crescem num mundo instável e "líquido" (Bauman, 2006), soltou-se o "demónio" das identidades que, na verdade, nunca foram esquecidas – a língua e a religião, um pedaço de solo e de terra, o próprio corpo, tudo é invocado e convocado para legitimar conflitos territoriais e guerras tribais que levantam trincheiras e separam o nosso grupo dos 'outros'. Contrariando a tese do espaço plano e neutro, geógrafos e não geógrafos recuperam o valor e a pertinência do solo e da localização e anunciam a "vingança" da velha Geografia das rugosidades (Kaplan, 2013).

E assim vai uma parte do mundo, desorientada e pessimista, desamparada por uma crise estrutural de imaginação política e governamental que, em todos os quadrantes do poder, pouco entende do que vai acontecendo e pouco pode contribuir para soluções e respostas que desconhecem.

Obs. Este texto foi pensado e redigido no dia 14 de outubro do corrente 2024, sentado num banco de jardim, no Parque de Berlim (em Madrid), em frente a três fragmentos do Muro que, durante a Guerra Fria, separou a capital alemã, a Europa e o mundo. Na placa identificadora lê-se "Em memória da queda do Muro de Berlim. Parte do qual está aqui. Madrid, 9 de novembro de 1990". Apesar de muitas das promessas não se terem cumprido, apesar do otimismo exagerado que o derrube desta materialidade suscitou, ainda assim, celebra-se o acontecimento.

Bibliografia

Bauman, Z. (2006). *Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty*. Polity Press.

Franco de Sá, A. (2024). Democracia versus Autoritarismo. Cem anos de Tensão [Doutoramento em Estudos Contemporâneos (CEIS20)]. *Conferência*.

Friedman, T. L. (2005). *The World Is Flat: A Brief History of the Twenty-first Century*. Farrar, Straus; Giroux.

Fukuyama, F. (1992). *The End of History and the Last Man*. Harper Perennial.

Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Bertrand Brasil.

Haesbaert, R. (2014). *Viver No Limite: Território e Multi/transterritorialidade Em Tempos de in-Segurança e Contenção*. Bertrand Brasil Editora SA.

Jones, R. (2012). *Border Walls: Security and the War on Terror in the United States, India, and Israel*. Zed Books.

Kaplan, R. D. (2013). *The Revenge of Geography: What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle Against Fate*. Random House Publishing Group.

Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2010). *A Cultura Mundo. Resposta a uma Sociedade Desorientada*. Edições 70.

O'Brien, R. (1992). *Global Financial Integration: The End of Geography*. The Royal Institute of Foreign Affairs.

Samson, M. (2024). *Fronteras Invisibles. Los sutiles limites que definem el mundo*. Editorial Critica.